de frases equivalentes, basta substituirmos uma dada frase alemã ou italiana por uma equivalente em português, para que se obtenha uma tradução exacta.

No polo oposto, no polo L, nenhuma frase é rigorosamente traduzível.

Ninguem necessita ler o original das obras de Pavlow, por exemplo, para que tenha uma ideia exacta das suas descobertas científicas; mas que ideia correcta poderemos nós fazer da Ilíada sem a lermos no original?

Donde:

A escrita simbólica da Linguagem das ciências é a única língua universal

Falham tôdas as tentativas duma língua universal, preconizada por Leibnitz, tais como o ido, o esperanto, o volapük, se quisermos que essa língua saia do domínio restrito do polo S.

Ora a única língua universal possível, a Linguagem das ciências, existe já implícita em tôdas as línguas. «Um italiano do nosso tempo possúe na sua própria língua, todo o pensamento de Euclides, enquanto que não possúe o de tal inglês contemporâneo».

A expressão desta língua, porém, ainda está em embrião: é o simbolismo matemático, é o simbolismo químico, que será preciso alargar aos outros domínios da Ciência. A solução do problema está em fazer corresponder um mesmo símbolo escrito a uma mesma noção na Linguagem das ciências.

Seja num livro alemão, inglês, francês, italiano, espanhol, português, etc., o símbolo $H_2 S O_4$ é sempre entendido por quem ignore qualquer daquelas línguas; um português pensará «ácido sulfúrico», um francês «acide sulfurique», etc. Pois bem: teremos uma língua universal das ciências, a única possível, quando tivermos reduzido a símbolos todo o pensamento científico.

«Fora da escrita simbólica da Linguagem das ciências não há solução real» para o problema duma língua universal. «Fora dêste domínio, os pensamentos que pertencem às diferentes línguas, não podem encontrar um terreno comum; estes pensamentos não se aproximarão se cada espírito não se habituar a pensar em muitas línguas, ou se as línguas não tentarem aproximar-se, por um humanismo comum».